

## A SAÚDE SOCIOEMOCIONAL DOS PROFESSORES DA REDE PÚBLICA ESTADUAL DE FORTALEZA

Juliana Vieira de Mesquita<sup>1</sup>  
Preciliana Barreto de Morais<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), a profissão docente é considerada como uma das mais estressantes, tornando, muitas vezes, os profissionais vulneráveis à desenvolverem uma patologia denominada “Síndrome de Burnout”. De acordo com a definição do Ministério da Saúde, tal síndrome configura-se como “um estado físico, emocional e mental de exaustão extrema, resultado do acúmulo excessivo em situações de trabalho que são emocionalmente exigentes e/ou estressantes, que demandam muita competitividade ou responsabilidade”. (MS, 2018) Devido se tratar de uma profissão que lida com conhecimentos teórico-técnicos; transmissão didático-pedagógica de saberes; relação permanente com grupos diversos; enfrentamento cotidiano de situações adversas (conflitos; incompreensões; disputas; hierarquias etc), a chance de adquirir algum problema de saúde torna-se imperante. Além do mais, a categoria ainda lida com a desvalorização profissional, o desgaste emocional, o acúmulo de atividades e responsabilidades, como também a falta de reconhecimento em seu ambiente de trabalho. Considerando os inúmeros papéis sociais que são delegados e as condições materiais limitadas, muitos profissionais da educação desempenham duplas ou mais jornadas de atividades. São professores, gerenciam suas famílias, administram as despesas, orientam o cotidiano de parentes sob suas responsabilidades, e muitas vezes, completam suas rendas exercendo outros ofícios. De acordo com discussões feitas por Sennett em seu livro “A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo” (1999), o autor aborda alguns problemas que profissionais de diversas áreas enfrentam com a chegada do novo capitalismo, tais como: a desvalorização do profissional e o abalo emocional que a instituição pode proporcionar ao indivíduo. Podemos também relacionar o adoecimento docente “à ausência e à expectativa de alguns valores: respeito, autoridade, valorização, cooperação e reconhecimento.” (Revista de Ciências Sociais, 2018, p. 570)

Outro aspecto muito presente na cidade que repercute no ambiente das escolas são as situações de violência. Um levantamento realizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), entre os anos de 2016 e 2017, aponta que das 25 escolas públicas, tanto municipais quanto estaduais de Fortaleza que participaram dessa pesquisa, 90% dos entrevistados declararam ter presenciado casos de violência no entorno da escola. Segundo algumas pesquisas de institutos e grupos que estudam a violência na cidade, um percentual significativo de estudantes tende a se envolver no crime, ou/e em outros casos, alguém da família encontra-se envolvido nessa prática. Outros problemas também são muito recorrentes, tais como, dificuldades relacionadas à gravidez na adolescência e abuso sexual, que muitas vezes são motivos para evasão escolar ou mal desempenho na escola. De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2017), 76% das adolescentes que engravidam abandonam a escola.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Ciências Sociais/Licenciatura, da Universidade Estadual do Ceará (UECE), julianamesquit4@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Orientadora: Professora Adjunta do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual do Ceará (UECE), preciliana.morais@uece.br

Todos os aspectos supracitados repercutem na vida pessoal e emocional dos profissionais de educação. E, decorrente desse contexto, a síndrome de Burnout tem sido identificada de forma sistemática nessa categoria, ratificando que muitas vezes os professores desenvolvem tal síndrome devido ao esgotamento emocional.

Uma pesquisa realizada em 2007 por uma psicóloga da Universidade de Brasília (UNB), revelou que mais de 15% dos professores de escolas públicas do Distrito Federal convivem com essa síndrome. Entretanto, se os dados forem os mesmos ou semelhantes a estes em outros estados do país, cerca de 300 mil professores estariam sendo afetados pela síndrome de Burnout no Brasil.

Decorrente deste contexto, levantamos as seguintes questões: quem cuida da saúde socioemocional desses profissionais? O que se verificou é que psicólogos são disponibilizados na rede pública estadual para os alunos (mesmo não havendo uma regularidade de encontros e muitas escolas não contarem com esse serviço). E com relação a disponibilidade desses profissionais para os professores, haveria essa política pública no/de Estado?

## **METODOLOGIA**

No primeiro semestre do ano de 2019, realizou-se um grupo de discussão ou grupo focal orientado por 10 (dez) questões relacionadas com a temática da pesquisa. O grupo foi constituído por professoras de uma escola pública de um bairro de Fortaleza. Tal recurso metodológico proporcionou um contato maior com a realidade investigada, como também serviu de base para conseguir relatos de experiências vivenciadas pelos professores em seu cotidiano. Além do grupo focal e relatos de experiência, temos como suporte teórico as discussões da Sociologia das Emoções, por meio dos estudos de Norbert Elias na obra “O Processo Civilizador” (1994), Erving Goffman com “Manicômios, prisões e conventos (2001) e Richard Sennett na obra “A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo” (1999). As análises dos teóricos supracitados têm como propostas teórico-metodológicas discutir conjuntamente as categorias de indivíduo, personalidade, estrutura e sociedade a partir de uma análise microssociológica em direção a uma compreensão macrossociológica.

## **RESULTADO**

Os resultados obtidos foram importantes para confirmar as hipóteses de pesquisa. Dentre eles destacamos que as situações vivenciadas pelos docentes da rede pública passam por muitas situações delicadas em seu cotidiano que tendem a abalar a sua estrutura emocional no ambiente de trabalho. “Mostraria como as relações cambiantes de poder, intra e interestatais, influenciam a formação dos sentimentos nessa área. Na verdade, a manipulação dos sentimentos em relação ao Estado e à nação; ao governo e ao sistema político, é uma técnica muito difundida na práxis social. Em todos os Estados nacionais, as instituições de educação pública são extremamente dedicadas ao aprofundamento e à consolidação de um sentimento-nós exclusivamente baseado na tradição nacional. Toda essa área ainda carece de uma teoria social factual e prática que nos permita compreender essas questões e, desse modo, nos ajude a superar a ideia de uma existência separada do indivíduo e da sociedade.” (ELIAS, 1994, p.171-172)

A necessidade de estarem permanentemente estudando para transmitir um conhecimento claro e competente para os estudantes, esbarra com as situações cotidianas repletas de conflitos, incompreensões, concorrências e falta de tempo para aprofundar estudos e planejamentos. A desvalorização dos professores aparece como um problema que repercute

na sua saúde física e mental. As duplas jornadas de trabalho, o desgaste emocional, a baixa remuneração salarial são algumas das questões mais citadas no grupo focal. Isso, para o autor Richard Sennett, “desorienta a ação a longo prazo, afrouxa os laços de confiança e compromisso, e divorcia a vontade do comportamento”. (1999, p. 33)

Os professores também não são preparados para enfrentar as situações de violências, como também, conversar individualmente com alunos ou alunas sobre problemas de fórum íntimo, como gravidez, diversidades sexuais, aborto, drogas, discriminação de raça, etnias, credos etc. Nesse contexto, o quadro de desenvolvimentos de doenças, como “Síndrome de Burnout”, torna-se bastante recorrente e preocupante.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Paulo Sérgio Silva (2006), seria necessário “a realização de pesquisas em que modelos de organização escolar sejam adotados visando à saúde mental dos professores, à melhoria do trabalho pedagógico, ao crescimento intelectual, afetivo e moral dos alunos. Precisamos pesquisar a organização do trabalho escolar com vistas à construção de espaços de crescimento e de bem-estar. Ao longo da história criamos organizações que estiveram aprisionadas por seus rituais alienadores prejudicando os sonhos humanos de felicidade. Que a escola do futuro seja um espaço de autonomia e de felicidade.” (SILVA, 2006, p. 208 e 209)

Diante dessas reflexões, concluímos o trabalho com a certeza que as discussões, pesquisas e leituras sobre a saúde socioemocional de professores demandam muitos estudos, investimentos e ações comprometidas do Estado. É preciso que as políticas públicas de educação e a própria instituição escolar passem a investir na formação continuada e valorização dos professores a fim de que a profissão tenha o respeito e a dignidade devidamente reconhecidos por todos. A sociedade precisa vislumbrar a figura do professor como um profissional envolvido com a formação intelectual e humana de outros. E, para que essa educação seja satisfatória, torna-se necessário um acompanhamento contínuo dessa categoria, seja no que concerne às orientações de aprendizagens qualitativas, seja no amparo ao enfrentamento das situações adversas que ocorram nos espaços escolares. Somente com um apoio global a esse profissional, que tem como uma das principais missões formar pessoas para exercerem a cidadania, poderemos trilhar na conquista de uma sociedade mais justa.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Francisco Cordeiro. Conflito, insegurança, insatisfação: três condicionantes da actividade docente a ultrapassar. Revista Galego-portuguesa de psicoloxía e educación n° 8 (vol. 10) ano 7°-2003 issn: 1138-1663

CARLOTTO, Mary Sandra. A síndrome de burnout e o trabalho docente. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2002. Disponível em: <[https://www.academia.edu/8588604/A\\_s%C3%ADndrome\\_de\\_Burnout\\_e\\_o\\_trabalho\\_docente](https://www.academia.edu/8588604/A_s%C3%ADndrome_de_Burnout_e_o_trabalho_docente)> Acesso em: 30 ago. 2019.

DIEHLI, Liciane; MARINI, Angela Helena. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. 2016. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-64072016000200005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000200005)>. Acesso em: 19 ago. 2019.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Uma história dos costumes. Vol. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 1994a.

\_\_\_\_\_. O processo civilizador. Formação do Estado e civilização. Vol. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b.

ESTEVE, José M. Mal-estar docente: a sala de aula e a saúde do professor. São Paulo: EDUSC, 1999.

GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

LAPO, Flavinês Rebolo; BUENO, Belmira Oliveira. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. Cadernos de Pesquisa, p. 65-88, 2003.

MACHADO, Hilka Vier. A abordagem das emoções no âmbito das organizações. Rev. Alcance, p. 11 - 35, 2003

PENIN, Sonia. Cotidiano e escola: a obra em construção. São Paulo: Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. A questão pública da satisfação/insatisfação do professor no trabalho. Rev. Fac. Educ, 149 - 172, 1985.

SENNETT, Richard. A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILVA, Paulo Sérgio. Saúde Mental do Professor. São Paulo: Expressão & Arte, 2006.

SILVA, Selma Gomes; PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. O pathos docente em narrativas: relações entre trabalho, subjetividades docentes e adoecimento psíquico. Revista de Ciências Sociais. Fortaleza, v.49, n. 1, p.535-577, 2018.